

ENCONTRO NACIONAL 2013 DAS ENS

“Pensar a Família hoje: Viver e transmitir a Fé”

I – Introdução

Queridos amigos, uma saudação muito especial para todos vós de quem já tínhamos muitas saudades.

Queremos agradecer à Isabel e ao Paulo, bem como a toda a equipa da Supra-Região Portugal, não só pelo convite mas também pela insistência que fizeram para aqui estarmos hoje convosco.

Estamos aqui ao lado do Senhor D. Manuel Clemente, a quem aproveitamos para saudar agora em público. É uma grande responsabilidade e um enorme desafio. Faremos o possível para não vos desiludir mas vai ser difícil estar à altura. Por isso vos pedimos que nos dêem um desconto ... e rogamos a Deus que nos ajude enviando-nos o seu Espírito

Quando a Isabel e o Paulo nos propuseram este tema “Pensar a Família hoje: Viver e transmitir a Fé”, pensamos de imediato que tínhamos de reler a Carta Encíclica mais recente “A Luz da Fé”, Lumen Fidei. Na sua simplicidade e saber, o Papa Francisco quis aproveitar um escrito do Papa Emérito e assim completou esta Encíclica. Como resultado da nossa reflexão decidimos que nos iríamos basear nela. Esta é uma Encíclica muito forte sobre a fé, a luz da fé, que brota do amor de Deus, que implica escuta do chamamento de Deus e da Sua Palavra, que Se revela ao longo da história e assume um ROSTO humano, Jesus Cristo. Acresce que, como veremos, muitas passagens são como que “um sopro aos ouvidos dos casais” e portanto um sopro aos ouvidos das Equipas.

II – Carta Encíclica Lumen Fidei

A Carta Encíclica “A Luz da Fé” desenvolve-se em 4 Capítulos, e começa por uma Introdução sobre a Fé, como Luz para os homens:

“A luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus.” (Lumen Fidei 1)

(...)

“Por isso, urge recuperar o carácter de luz que é próprio da fé, pois, quando a sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam também por perder o seu vigor.” (Lumen Fidei 3)

O Papa designou o primeiro Capítulo como: **Acreditámos no Amor**

“A nova lógica da fé centra-se em Cristo. A fé em Cristo salva-nos, porque é n’Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, que age em nós e connosco.” (Lumen Fidei 20)

O Capítulo II “**Se não acreditardes, não compreenderéis**” fala de Fé e Verdade, Conhecimento da verdade e amor, A fé como escuta e visão, O diálogo entre fé e razão, A fé e a busca de Deus, Fé e teologia. Se não acreditarmos, não compreenderemos.

Chegamos pois ao Capítulo III que se cruza de facto muito bem com o tema concreto de hoje: **“Transmito-vos aquilo que recebi”** (1Cor 15,3). Ou seja, transmitir a Fé pressupõe tê-la recebido de outros. Daí a importância que tem o tema da Transmissão da Fé aos outros que, sem nós não a receberiam. Mas este título diz algo mais. Transmitimos apenas se acreditarmos e se o conservarmos pois ninguém pode dar o que não tem. Transmitiremos a Fé na medida em que acreditarmos em Cristo e conservarmos em nós este Amor, esta convicção, esta chama.

O Capítulo IV “**Deus prepara para eles uma cidade**” (Heb. 11,16), fala-nos das obras, da construção da cidade dos homens, lembrando-nos que a Fé sem obras de nada vale. E, como bem sabemos, a primeira obra é a transmissão da Fé (“...*Ide e Evangelizai...*”) pois que sem isso seria apenas uma questão de tempo até se extinguir a Fé entre os Homens.

A Encíclica termina com uma evocação a Maria: **Feliz daquela que acreditou.**

III – Transmitir a Fé e as ENS

Mas voltemos ao tema. Vejamos agora como esta Encíclica se coaduna com tudo o que o Movimento nos tem ensinado e veremos que as propostas das Equipas são bem adequadas e actuais.

Vamos pois ler algumas passagens da Encíclica e tentar ligá-las à reflexão que fazemos sobre o Movimento.

“A fé tem uma forma necessariamente eclesial, é professada partindo do corpo de Cristo, como comunhão concreta dos crentes. A partir deste lugar eclesial, ela abre o indivíduo cristão a todos os homens. Uma vez escutada, a palavra de Cristo, pelo seu próprio dinamismo, transforma-se em resposta no cristão, tornando-se ela mesma palavra pronunciada, confissão de fé.” (Lumen Fidei, 22)

O Movimento das ENS faz parte deste Corpo de Cristo que é a Igreja, assim nos diz o Guia: “*As Equipas de Nossa Senhora encorajam os seus membros a aprofundar, em equipa, o amor pela Igreja e a ajudar-se mutuamente para se tornarem membros activos do Povo de Deus, em comunhão com os seus pastores.*” (Guia das ENS)

Também porque cada equipa é uma comunidade de Igreja, ela deve ser constituída por casais e um sacerdote que não é somente um **conselheiro espiritual**, cumpre a sua função sacerdotal de tornar presente Cristo como Cabeça da Igreja.

“...a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso «eu» isolado abrindo-o à amplitude da comunhão.” (Lumen Fidei, 4)

É nesta comunhão de cada um de nós, de cada casal, com a Igreja, que o Movimento nos formula uma proposta específica para nos ajudar a caminhar na fé. É esta a génese das equipas formulada nos seus documentos iniciais:

*“Alguns casais, desejosos de corresponder a este apelo do Senhor, mas conscientes da sua fraqueza, confiando na graça do seu Sacramento do matrimónio, crendo na eficácia da entreajuda fraterna e na promessa de Cristo: «Quando dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, eu estou no meio deles» [Mt.18,20], **decidem formar uma equipa e pedem ao Movimento que os ajude.**”* (Carta Fundadora das ENS)

Também não podemos iniciar esta reflexão sem referir o Pe Caffarel:

“No meio daqueles casais reunidos na sala de um apartamento, está intensamente presente o Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal como ele é, com o que nele há de mau e de bom, e ansioso por o ajudar a tornar-se naquilo que Ele quer. Ele está ali como na tarde de Páscoa naquele Cenáculo de Jerusalém quando, de repente, apareceu a outros equipistas, os apóstolos. Soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo”. E eles tornaram-se homens novos. Jesus Cristo, no meio dos casais, não deixa de insuflar o seu Espírito. E aqueles que se abrem ao seu Sopro — algo que se aprende aos poucos — tornam-se os homens desse Sopro. E a reunião desenrola-se animada pelo Espírito.” (Pe. Henri Caffarel)

Mas voltemos à encíclica: “A fé revela quão firmes podem ser os vínculos entre os homens, quando Deus Se torna presente no meio deles. Não evoca apenas uma solidez interior, uma convicção firme do crente; a fé ilumina também as relações entre os homens, porque nasce do amor e segue a dinâmica do amor de Deus. [...] A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum.” (Lumen Fidei, 50)

Por isso formamos equipa, porque a fé que nos une cria entre todos laços fortes que ultrapassam o relacionamento humano por enraizarem no amor de Deus. Os cadernos de Pilotagem têm como título **Reunidos em nome de Cristo**, precisamente porque esta pequena comunidade não tem a sua finalidade em si mesma. Existe certamente para sustentar os seus membros. Mas existe ainda mais para os ajudar a crescer na fé e a cumprir a nossa missão: testemunhar Cristo.

“É impossível crer sozinhos. A fé não é só uma opção individual que se realiza na interioridade do crente, não é uma relação isolada entre o « eu » do fiel e o « Tu » divino.[...].” (Lumen Fidei, 39)

Ora, como bem sabemos, os documentos fundadores do Movimento dizem que *uma Equipa de Nossa Senhora é uma **Comunidade Cristã de Casais***, uma comunidade que nos dá fortaleza porque cada um fortalece os seus irmãos e deixa-se fortalecer por eles, pela **entreaajuda e pelo testemunho**. Uma comunidade onde aprofundamos a experiência do amor, onde aprendemos a ver a realidade com os olhos do outro, como o Papa diz na Carta encíclica:

“...A experiência do amor diz-nos que é possível termos uma visão comum precisamente no amor: neste, aprendemos a ver a realidade com os olhos do outro e isto, longe de nos empobrecer, enriquece o nosso olhar. O amor verdadeiro, à medida do amor divino, exige a verdade e, no olhar comum da verdade que é Jesus Cristo, torna-se firme e profundo.” (Lumen Fidei, 47)

“Na fé, dom de Deus e virtude sobrenatural por Ele infundida, reconhecemos que um grande Amor nos foi oferecido, que uma Palavra estupenda nos foi dirigida: acolhendo esta Palavra que é Jesus Cristo — Palavra encarnada –, o Espírito Santo transforma-nos, ilumina o caminho do futuro e faz crescer em nós as asas da esperança para o percorrermos com alegria.”(Lumen Fidei, 7)

A Atitude de vida **Procura assídua da vontade de Deus**, que o Movimento propõe é o de saber escutar, saber saborear o apelo de Deus a cada um, a cada casal, que nos vem principalmente pela Sua Palavra, mas que nos chega também pelo silêncio, pela natureza, pelo outro, pelos outros, pela equipa, pela leitura que fazemos dos acontecimentos...

Ser assíduos nesta escuta na **Oração Pessoal e Conjugal, na Oração em Equipa, no Dever-de-se-Sentar** permite-nos construir este olhar comum de pequena comunidade eclesial que somos enquanto equipa. Ver a realidade com os olhos do outro melhora o nosso olhar.

“...A pessoa vive sempre em relação: provém de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são de tipo relacional e estão ligados a outros que nos precederam. [...] A própria linguagem, as palavras com que interpretamos a nossa vida e a realidade inteira chegam-nos através dos outros, conservadas na memória viva de outros; o conhecimento de nós mesmos só é possível quando participamos numa memória mais ampla.”(Lumen Fidei, 38)

A Atitude de vida **Procura da verdade sobre nós mesmos**, que o Movimento propõe que sigamos fala disto mesmo, de desenvolver a nossa capacidade de tomar consciência de nós próprios, de assumir a nossa verdade, de construir e trabalhar a partir dela e não a partir da imaginação, daquilo

julgamos que somos, e isso só é possível no confronto com os outros e essa é uma realidade que vivemos em equipa. A equipa porque comunidade permite que nos descubramos a nós próprios e percebamos como o Senhor faz em nós maravilhas!

"...a fé é una, porque é partilhada por toda a Igreja, que é um só corpo e um só Espírito: na comunhão do único sujeito que é a Igreja, recebemos um olhar comum. Confessando a mesma fé, apoiamo-nos sobre a mesma rocha, somos transformados pelo mesmo Espírito de amor, irradiamos uma única luz e temos um único olhar para penetrar na realidade. "(Lumen Fidei, 47)

É este o sentido da Atitude de vida **Viver o Encontro e a Comunhão** de que o Movimento nos fala. Esta atitude pretende que desperte em nós um agir comum em equipa que nos prepara e situa para viver num clima de **comunhão** na Igreja e no mundo por acção do Espírito.

Esta proposta não é fácil, exige toda uma aprendizagem para modificar a nossa maneira de viver, para nos descentrar de nós, e começarmos a caminhar para os outros e com os outros, indo ao seu encontro porque a unidade não é uniformidade. A unidade é o sentir comum da diversidade. É esta a riqueza e o valor do nosso compromisso em equipa e em Igreja: construir com os outros algo em comum para o bem de todos.

A **partilha** dos pontos concretos de esforço, que fazemos na nossa reunião mensal, ajuda-nos neste caminho, é também um ponto de encontro com o amor de Deus que transparece no olhar dos outros casais, quando nos interrogamos e estimulamos uns aos outros trilhando um caminho de conversão comunitária. A partilha assim vivida é uma dinâmica de Comunhão que conduz, inevitavelmente, a um olhar comum sobre o mundo em que vivemos.

Também o **Tema de Estudo**, que trabalhamos ao longo do mês, é uma oportunidade para estudarmos e para reflectirmos juntos, ajuda-nos ao aprofundamento da fé e à formação da consciência pessoal e comunitária.

"A fé faz compreender a arquitectura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança."(Lumen Fidei, 51)

O nosso Movimento, na sua sabedoria fala-nos permanentemente da **entreatajuda**, de levarmos os fardos uns dos outros em equipa, quer os espirituais, quer os materiais.

Mas esta entreatajuda deve extravasar a equipa colocando os casais ao serviço dos outros, do bem comum porque a fé leva o cristão a comprometer-se, a viver de modo mais activo o seu caminho, as circunstâncias da sua vida. Por isso o nosso Movimento nos desafia a sermos casais activos na Igreja e no mundo segundo os carismas de cada um para que, como diz a Encíclica sejamos construtores das nossas sociedades.

"O primeiro âmbito da cidade dos homens iluminado pela fé é a família; penso, antes de mais nada, na união estável do homem e da mulher no matrimónio. Tal união nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus, nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual, em virtude da qual os cônjuges se podem unir numa só carne (cf. Gn 2, 24) e são capazes de gerar uma nova vida, manifestação da bondade do Criador, da sua sabedoria e do seu desígnio de amor.

Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projectos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada. "(Lumen Fidei, 52)

Ao escolhermos a condição de casados, através dela podemos pretender a excelência, a santidade, por isso afirmarmos que o nosso **Matrimónio é caminho de santidade**.

Com esta afirmação dizemos acreditar que, ao longo dos anos que vivemos juntos nunca estivemos sós, nas nossas lutas e nas nossas alegrias, que Deus de maneira assombrosa nos acompanha, conforme nos prometeu "*Estarei convosco até ao final dos tempos*". É por sermos amados e acompanhados por este amor incondicional e misericordioso de Deus que temos o desejo permanente de melhorar, de ir mais além, de juntos caminhar para a santidade sendo o suporte um do outro. A esta forma de viver a santidade, de viver o casamento a partir do Evangelho, de viver uma vida completa a dois, chamamos Espiritualidade conjugal.

Lembramos aqui estas palavras do P. Caffarel: "Nunca se dirá demasiado que a vida conjugal é um caminho de santidade, desde que se acentue que toda a razão de ser dum caminho é conduzir a um termo, que a grande ambição dos companheiros de caminhada deve ser não «instalar-se» na terra mas caminhar juntos para a casa do Pai, onde encontrarão «companheiros de eternidade»." (Henri Caffarel-Matrimónio vocação de santidade).

Voltando à Encíclica, onde o Papa também olha para o interior da Família:

"é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos. Sobretudo os jovens, que atravessam uma idade da vida tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé." (Lumen Fidei, 53)

É claro que tudo acaba por desembocar na família que é ponto de chegada e ponto de partida porque o compromisso fundamental do casal e dos seus membros é a sua vida quotidiana com todas as suas componentes. O difícil é a conciliação entre as responsabilidades familiares, profissionais, eclesiais e educativas e tal requer um cuidado especial. A educação dos filhos é constituída, inseparavelmente, pela formação da pessoa e pela transmissão da fé. A **oração familiar**, de que tanto falamos, desempenha um papel importante nesta acção evangelizadora. No Guia das ENS podemos ler: "*Quando o casal tem filhos, é importante que um tempo seja reservado para a **oração em família**. O casal é, para os filhos, o primeiro lugar de aprendizagem. Cabe aos pais transmitir-lhes a fé e agir de tal maneira que a sua casa seja um lugar onde eles se sintam bem a rezar.*" (Guia das ENS)

Também em relação aos filhos o Pe. Caffarel diz-nos:

"... perguntar a mim próprio se os pais teriam compreendido que estavam casados em primeiro lugar para ter filhos e fazer deles filhos de Deus, que os seus filhos eram o seu primeiro próximo, que assegurar a sua educação era a sua primeira responsabilidade, que a educação é acima de tudo uma questão de amor." (Pe. Henri Caffarel)

Mas se a Família é o pilar da sociedade, o Casal é a base da Família. Sem casais robustos não existem famílias sólidas. Este é um dos poucos sinais positivos da crise que vivemos: o testemunho dado por famílias sólidas ao serem o grande suporte às contrariedades, à doença, ao desemprego, às dificuldades, aos recursos escassos.

Olhando pelo ângulo da Família, o Movimento chama a atenção dos casais para que a Pastoral

Familiar deve ser o campo privilegiado do seu **empenhamento eclesial**, respondendo aos convites que os últimos Papas nos dirigiram, nomeadamente ajudando os noivos na preparação para o matrimónio, colaborando no acompanhamento de grupos de jovens, na preparação para o baptismo, trabalhando no aconselhamento conjugal, etc., como o Pe. Caffarel sugeria: *“O casal cristão revela-se particularmente apto para certas actividades apostólicas da Igreja, como a preparação dos noivos para o casamento, a ajuda aos lares, aos casais em dificuldade...”* (Pe. Henri Caffarel)

“A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir um grande chamamento — a vocação ao amor — e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade.” (Lumen Fidei, 53)

O Guia das ENS, na sua introdução afirma: *“Os membros das Equipas de Nossa Senhora vivem no mundo de hoje, fazem plenamente parte dele e querem ser “fermento na massa”. É por isso que precisam de discernir continuamente os sinais dos tempos para descobrir a nova realidade e as necessidades que ela implica para os casais de hoje. Devem também procurar factores de esperança num mundo que parece cada vez mais hostil à fé cristã e onde os valores fundamentais do casamento e da família estão ameaçados. As Equipas de Nossa Senhora trazem esse sinal de esperança aos casais, à Igreja e ao mundo.”*

Ou seja, temos de ser testemunho desta fé que professamos e vivemos. Temos de ser **testemunho** do Amor de Deus nos pequenos e nos grandes acontecimentos da nossa vida

Ser testemunha é ser ponto de referência e estar pessoalmente comprometido com a verdade que propomos, que no nosso caso é Cristo, sabendo dizer a razão da esperança que anima as nossas vidas.

E esta não é tarefa fácil! Porque vivendo no mundo não podemos ser como este mundo e diariamente somos confrontados com esta dicotomia e com a permanente necessidade de discernir como dosear o viver no mundo com o não ser como o mundo. Colocam-se aqui muitas vezes questões de coerência.

Por isso a Encíclica nos diz que a fé não é refúgio para gente sem coragem, pelo contrário, o ser fermento na massa leva-nos a ler o mundo de forma diversa e por vezes a tomar posições dolorosas para nós e incompreensíveis para os outros, mas que são sinais de fidelidade a Cristo, de coerência de vida e sinais de esperança. Neste sentido devemos ser gente inquieta, não conformada com o mundo mas vivendo nele plenamente e fazendo dele “caminho de felicidade e de santidade”, como dizia Bernard Olivier.

“Uma vez escutada, a palavra de Cristo, pelo seu próprio dinamismo, transforma-se em resposta no cristão, tornando-se ela mesma palavra pronunciada, confissão de fé [...] A fé não é um facto privado, uma concepção individualista, uma opinião subjectiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio.” (Lumen Fidei, 22)

E é a este anúncio que somos chamados, a maioria de nós muito mais pelo testemunho que pela palavra, muito mais pela nossa vida que pelas nossas ideias, ou seja, pela nossa coerência de vida. O Pe Caffarel diz-nos:

“O casal, não só no seu meio ambiente (prédio, bairro...), mas também no seu meio social e profissional, coopera, individualmente ou associando-se com outros [...] no avanço do Reino de Cristo, pelas suas actividades directamente apostólicas e também pelas suas actividades temporais. [...] Os casais cristãos – e as famílias – não se contentem com ser beneficiários da acção apostólica

da Igreja, mas tomem consciência de que lhes falta ser, também eles, «sujeitos actuantes» de apostolado, instrumentos de redenção, na linha da sua missão específica, com os seus meios e a sua graça próprios. É indubitável que nunca estiveram mais prontos que hoje para escutar este apelo. Se lhe responderem em grandíssimo número, se vierem pôr as suas energias humanas e divinas do amor conjugal e do sacramento do matrimónio ao serviço da Igreja, vê-la-emos ganhar um poder de persuasão, uma força de penetração e de expansão até então desconhecidas.» (HC A Missão Apostólica do casal e da família-Maio 1961).

No tempo que vivemos não basta ser um casal disponível, que responde a desafios. Nestes tempos em que as dificuldades aumentam precisamos ainda mais de ser pro-ativos e vivermos como cristãos no mundo de hoje, descobrir quais são os nossos dons como pessoas, como casal e como família, que podemos colocar para benefício do bem comum e avançar, fazer, ir.

Por tudo o que ficou dito vemos bem, que falar de fé é falar do amor de Deus e como isso se aplica a nós, casais das Equipas de Nossa Senhora, e nos deve desinstalar.

IV – Qual a nossa quota-parte?

Não vos dissemos nada de novo. Limitámo-nos a ligar a Encíclica “A Luz da Fé” com tudo o que temos aprendido com o Movimento.

Enquanto casais cristãos dispomos de métodos de aperfeiçoamento cristão, caminhamos ao nosso ritmo mas visamos a santidade pela entreajuda e pelo testemunho, temos orientações de vida e um Movimento que nos guia e mantém motivados, vivemos integrados numa comunidade cristã de casais, estudamos temas de aprofundamento em casal e em equipa, partilhamos a reflexão, a oração e a vida, somos convidados e ajudados a ir, para a Igreja e para o Mundo, seguindo o apelo de Cristo.

Não será pois por escassez de propostas e de métodos que nos faltará apoio. Mas será que aproveitamos completamente esses métodos e essas propostas que o Movimento nos oferece? Será que partilhamos e testemunhamos abertamente? Será que somos generosos na nossa disponibilidade? Será que nos entregamos zelosamente? Será que já chegamos a todos os casais que poderiam beneficiar do Movimento? Temos feito em casal, em família, em equipa o discernimento de como aplicar os dons que recebemos ao serviço dos outros? Pois nós dizemos: **Urge fazê-lo !**

IV – O Movimento e nós

Uma reflexão idêntica seria também necessária em relação ao Movimento. O Movimento incita-nos a partir para o mundo desde o início, num apelo constante, apelo este que foi reforçado a partir de 1987 com o chamado “Segundo Fôlego” que partiu da reflexão inspirada do nosso Fundador, Henri Caffarel, em Chantilly.

Sabemos bem que as ENS são um Movimento de Espiritualidade, não de acção, apesar de ser um Movimento de casais activos. De facto devíamos ser cada vez mais casais activos e em maior número. Para tal devemos estar formados, preparados. Actualmente já não é suficiente a boa vontade, temos de nos preparar. Mas também sabemos que somos um Movimento de Formação permanente e tal poderia ser um ponto de partida, um caminho para iniciar dentro do Movimento experiências de Formação concreta para missões específicas, colocando a experiência de alguns ao serviço e para benefício de muitos.

O Movimento poderia ser esta plataforma comum de apoio, de ajuda à acção dos casais desenvolvendo acções de formação para dar suporte aos casais na sua actuação, nomeadamente nas áreas da Pastoral Familiar. Para tal seria útil abrir portas à partilha das experiências que têm sido desenvolvidas em casal ou com outros casais ou leigos, tanto em Portugal como nas outras regiões do mundo.

Trata-se de uma evolução que deve ser pensada e ponderada, aceitando o desafio do próprio Pe Caffarel que nos diz que devemos actualizar as respostas a dar aos casais de hoje não perdendo a fonte, a fidelidade ao carisma fundador.

Para podermos abrir caminhos de futuro, para se fazer qualquer evolução no Movimento, temos de estar muito seguros: seguros do que somos e seguros de que mantemos aquela fidelidade ao carisma fundador. Mas até para isto, o Pe Caffarel, no celebre discurso de Chantilly, diz-nos como proceder:

Devemos ter presentes 3 elementos:

“Voltar à fonte, ou seja às raízes do carisma fundador; ter em conta as necessidades e os valores do período em que nos encontramos e verificar em que medida esses valores, os novos valores que pensamos adoptar, se situam na linha do carisma fundador; depois encarar o futuro. Em que direcção se deve incitar o Movimento a avançar, sempre na fidelidade ao carisma fundador? Essa noção de fidelidade ao carisma fundador é capital, mas é preciso não confundir ser fiel com ser fixo” (Pe. Henri Caffarel)

Mas estas linhas de acção levar-nos-iam muito longe e não há tempo...sugerimos que cada um se interrogue e desafie o Movimento, os tempos são de juntar esforços para avançar mais e melhor e cada um de nós tem uma responsabilidade concreta: colocar os seus dons ao serviço do bem comum. Só assim poderemos reforçar a missão de transmitir a Fé que recebemos no Baptismo e aprofundamos no Movimento. Só assim poderemos devolver o que recebemos e só assim podemos ser fiéis ao carisma fundador como o próprio Pe Caffarel nos desafia:

“É preciso que nos saibamos interrogar, com toda a lucidez e humildade, se o nosso Movimento está pronto a desempenhar a sua missão e que tenhamos a coragem de operar as transformações necessárias, tanto na vida dos nossos casais, como na do próprio Movimento.” (HC As Equipas de Nossa Senhora face ao Ateísmo, Maio 1970)

V – Conclusão

Acompanhados pela Carta Encíclica do Papa Francisco revisitamos as propostas do Movimento e verificamos mais uma vez a sua actualidade e como nos ajudam a ir mais além na nossa Espiritualidade Conjugal. Mas como a fé sem obras pouco vale questionámos qual o papel que o Movimento poderia ter num suporte mais efectivo não à acção mas na formação dos casais para esta acção. E esta pergunta fica lançada.

Para nos ajudar na reflexão sobre a possível descoberta de novos caminhos de construção do Movimento, terminamos ousando reescrever as palavras do Papa Francisco na tão falada entrevista aos jesuítas, dirigindo estas palavra a todos nós (onde o Papa fala de Igreja, usaremos Movimento):

“Em vez de sermos apenas um Movimento que acolhe e recebe, tendo as portas abertas, procuremos mesmo ser um Movimento que encontra novos caminhos, que é capaz de sair de si mesmo e ir ao encontro...no nosso Movimento não está tudo escrito, temos de ir, caminhar, fazer, procurar, ver...”. Devemos entrar na aventura da procura e do encontro e do deixar-se procurar e deixar-se encontrar por Deus.

Fátima, 2 de Novembro de 2013

Ana e Vasco

Equipa 89, Sector K, Região Lisboa 2, Província Sul, Supra-Região Portugal